

# À vontade com Lula

O compromisso do presidente Luiz Inácio Lula da Silva de manter a inflação sob controle foi fator preponderante para que os atuais diretores do Banco Central aceitassem permanecer em seus cargos num governo petista. Foi o que afirmou ontem o diretor de Política Econômica da instituição, Ilan Goldfajn. "Vamos continuar no BC porque os fatos em comum com o novo governo são maiores que as diferenças. Há um compromisso com a inflação baixa", disse Goldfajn, ao ser indagado pelo *Correio* se ele e seus colegas se sentiam confortáveis em continuar nos cargos apesar de o governo Lula ter sido eleito prometendo mudanças na política econômica do país.

Goldfajn foi além: "O que estamos fazendo neste governo (do PSDB) continuará sendo feito no próximo. Foi um compromisso assumido (pelo novo comando do país)". Ele ressaltou que o Brasil, depois da turbulência que fez os preços do dólar e as taxas de inflação fugirem ao controle do governo, enfrentou uma série crise de confiança "pelo medo do futuro". Esse medo resultou na mais grave crise de credibilidade da história do país. "Agora, no entanto, vemos que

as incertezas (sobre os rumos do Brasil) foram infundadas", destacou.

Segundo o diretor do BC, o governo vai acompanhar muito de perto as tarifas públicas no ano que vem. "Mas isso não significará controle de preços, pois tal política mostrou no passado que não funciona e que não dará certo agora", afirmou. Na média, os preços administrados aumentaram 203,04% entre janeiro de 1995 e outubro de 2002, período que praticamente compreende os dois mandatos de Fernando Henrique Cardoso. Nesse período, a inflação oficial, medida pelo IPCA, ficou em 90,78%.

No relatório de inflação divulgado ontem, o BC mostrou que as contas de telefone subiram quase sete vezes acima da inflação: 509,7%. O gás de cozinha ficou 452% mais caro. A gasolina teve reajuste de 223,14% e as passagens de ônibus urbano, 203,12%. Um quadro claro de que as classes mais pobres foram as mais punidas com esses aumentos. "Infelizmente, os custos que recaíram sobre a população foram os menores possíveis dentro da realidade que o país enfrentou, de choques constantes, tanto interna quanto externamente", assinalou Goldfajn. (VN)